

Biografias resumidas

Irit Batsry é uma artista de renome internacional cujo trabalho investiga a criação, percepção e a história das imagens em movimento relacionada à memória pessoal e colectiva.

Ela recebeu o prestigiado Whitney Bienal Bucksbaum Award (2002) dado a “uma artista cujo trabalho demonstra uma combinação singular de talento e imaginação - uma pessoa que promete dar uma contribuição significativa às artes visuais”. Ela recebeu a Bolsa da Fundação Guggenheim em 1992 e o Grand Prix Video de Création do Société Civile des Auteurs Multimedia, Paris (1996 e 2001).

Ela se mudou para Nova Iorque em 1983 onde aprofundou a sua pesquisa de Image Processing no vídeoarte no Experimental TV Center de Owego, depois de se formar na Bezalel Academy of Art and Design, Jerusalém onde fez a sua pós-graduação em vídeoarte.

Artista nómada nos anos 90, criou seus vídeos e instalações nas residências de longa duração na França no Centre International De Creation Video Montbeliard Belfort, 1992 – 1993 e na Cité International Des Arts, Paris, 1994, 1996. Na Alemanha, na Academy of Media Arts, Köln 1996- 2000 e em Montreal 1999 - 2002 apoiada pela Fundação Daniel Langlois para Arte, Ciência e Tecnologia.

Irit Batsry estabeleceu o seu atelier em Lisboa há mais que 10 anos e nos últimos 20 anos participa activamente da vida cultural de Lisboa como curadora e artista.

Suas obras foram adquiridas por museus e mostradas extensivamente em 35 países. Pontos altos da sua carreira foram as exposições aqui destacadas que incluem a Galeria Nacional em Washington, o National Film Theatre e ICA (Londres), CCB em Lisboa, Museu Reina Sofia (Madrid), Museu d'Arte Moderna (Rio de Janeiro), Museu Ludwig (Köln, DE), The Whitney Museum e o MoMA em Nova Iorque. Em 2006, o Jeu de Paume em Paris organizou uma retrospectiva de sua obra vídeo (1981-2006).

Maria Sassetti nasceu em Lisboa, em 1986. Tem Atelier em Lisboa.

Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, prosseguiu a sua formação em Londres, no Chelsea College of Art and Design. Desde 2008, participou em várias exposições, em projectos individuais, colectivos e co-autoriais, desenvolvendo obras maioritariamente sobre papel. O seu corpo de trabalho fala sobre identidade, emoção, ritual e fragilidade, através da instalação de desenho, pintura, luz e objectos. É representada pela Galeria Tönnheim (Madrid, ES / Malmö, SE). Fundou, em 2015, o *Atelier Contencioso* com o qual participa em intervenções de grande escala no espaço público, das quais se destaca a obra “O nosso chão tem sonhos e vontades”, exposta em 2025 nas Carpintarias de São Lázaro, Lisboa, PT. Estagiou no Centro Cultural Wave Hill, Nova Iorque, em 2011, onde integrou a equipa de curadoria.

Tem 13 anos de experiência no ensino artístico.

O seu trabalho encontra-se representado em várias colecções públicas e privadas, nacionais e internacionais.

Vs. PT

20.09.
-30.10.
2025

IRIT BATSRY *Film Remains*

Maria Sassetti *A Hora Azul*

uma co-curadoria de
Alda Galsterer & Alexia Alexandropolou



Film Remains

de Irit Batsry

Film Remains fala com duas vozes ao mesmo tempo. Chama a atenção para os fragmentos sobreviventes do filme, as bobines de celulóide em decomposição, partidas e incompletas. Mas também funciona como uma forma de persistência: o filme perdura, mesmo quando as imagens nele contidas desaparecem e o suporte material começa a degradar-se.

Este duplo significado assume uma forma escultórica no espaço da galeria. Nas instalações *Film Urns*, tiras analógicas de filme, enroladas em recipientes de vidro transparente, assemelham-se a artefactos de um meio prestes a desaparecer. Quando tocadas pela luz, ganham vida. O vidro refrativo e o celulóide dispersam a luz por toda a sala, projetando sombras que se expandem em formas, se dissolvem em anéis e recuam na escuridão. Esta instalação apresenta não uma série de objetos, mas sim uma performance de presença e não presença — o que está ausente tornou-se tão presente quanto o que não está. As urnas sugerem formas funerárias, mas resistem. Não enterram o passado, mas mantêm-no em suspensão, solto e aberto. E, ao fazê-lo, dão-nos o que Derrida chamou de inadequação de todo arquivo, a preservação que é eternamente assombrada pela ausência, pelo que não pode ser acrescentado a ela. Os filmes aqui residentes, outrora anónimos e frequentemente descartados, agora chamam-nos com a sua fragilidade, pedaços de vidas examinadas e não exibidas.

É a relação entre o filme e o vidro que dá ressonância a estas obras. Um regista o espetro perdido de uma imagem, desaparecida e morta; o outro distorce-as e fragmenta-as para criar novas arquiteturas de luz. Nestas urnas, o vidro torna-se o colaborador, permitindo que o filme permaneça, não através de narrativas intactas, mas através da dispersão espectral.

O processo de apagamento reaparece nas três obras de montagem de espelhos, onde as imagens dos espectadores se dissolvem em «paisagens cinematográficas» criadas por filmes antigos de 35 mm com uma emulsão parcialmente apagada. Aqui, o eco do desaparecimento é um gesto intencional, onde o encontro do corpo e do celulóide dá um novo significado ao trabalho incompleto do arquivo. *Fragments of an Accidental Archive*, uma instalação de vídeo de dois canais, expande a retenção do tempo da exposição: um, meditando sobre as imagens das aparições tremeluzentes dentro das urnas; e um segundo, onde a viagem das bobinas de filme do mercado de pulgas aos excertos digitalizados é desvendada. Juntas, elas situam o trabalho não como preservação, mas como transformação, na qual a memória permanece no próprio ato de desaparecer.

Aqui, porém, em *Film Remains*, o que permanece não é a imagem inteira, mas a sua vida após a morte. Sombra, reflexo e resíduos dançando no vidro, ainda girando com a respiração no intervalo frágil entre o passado e o que resta.

Alexia Alexandropolou
setembro de 2025

Referências:

Derrida, *Archive Fever: A Freudian Impression* (Chicago: University of Chicago Press, 1996).

Giuliana Bruno, *Surface: Matters of Aesthetics, Materiality, and Media* (Chicago: University of Chicago Press, 2014).



A Hora Azul

de Maria Sassetti

HABITAR O INTERVALO

“Blue has no dimensions, it is beyond dimensions.”

Yves Klein

É a primeira vez que apresentamos o trabalho de Maria Sassetti na Galeria Belo-Galsterer; a simplicidade na técnica e nas cores surpreendem quem ainda não conhece o seu trabalho. Com uma paleta singela que é declinada através da mesma técnica em vários matérias, a artista apresenta-nos uma nova série de trabalho. É o que à primeira vista parece uma série de desenhos, mas que depois vamo-nos apercebendo que se trata de umas gravuras feitas na técnica de *Suminagashi* “tinta flutuante”, sendo uma técnica milenar, praticada no Japão desde o século XXII. A tinta é colocada numa bacia com água sobre a qual a tinta é jorrada e depois o papel aplica-se sobre a tinta, na qual permanece muito pouco tempo, tornando-se a obra um gesto contido, resíduo de um mergulho.

No Japão, esta técnica foi desenvolvida por mestres de forma ritualística, o que tem muito a ver com a forma como Sassetti encara a arte, um ritual que lhe permite exteriorizar-se. Usando as cores índigo e preto, cores originais que se usaram no receituário japonês durante séculos, ela mantém-se fiel à tradição original.

Os dezasseis Suminagashi de pequeno formato, da série Ondulações, que marcam o seu projeto, são acompanhados por duas instalações, tinta azul sobre papel de arroz: obras que transitam entre a luz e a escuridão, uma exposição-projeto que “habita o intervalo, entre som e silêncio, entre figura e dissolução, entre presença e ausência.”¹

A tradição do azul em Portugal na arte e no artesanato vale uma chamada de atenção; Sassetti usa uma tonalidade que não lhe é estranha e que cruza a sua herança cultural com a de um país tão longínquo, mas com quem Portugal também teve relações seculares. Sassetti cria o seu próprio ritual artístico em que cruza o presente e o passado e cria obras para o futuro.

¹ Citação da própria artista

Alda Galsterer
setembro 2025